

A INCIDÊNCIA DO SUJEITO DO INCONSCIENTE EM NARRATIVAS ESCOLARES

Magda Wacemberg Pereira Lima CARVALHO¹⁶

Glória Maria Monteiro de CARVALHO¹⁷

Maria de Fátima Vilar de MELO¹⁸

Resumo: Partindo do pressuposto laciano de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, este estudo tem como objetivo analisar a incidência do sujeito do inconsciente em textos narrativos escritos no ambiente escolar. Para tanto, o trabalho está fundamentado no interacionismo de base estruturalista, ressignificado pela psicanálise laciana. Os resultados revelaram que situações de realidade vividas pelos alunos-autores foram transformadas em signos articulados aos significantes do sujeito do inconsciente, permitindo a substituição dos signos dos contos originais. Apresentando, com isso, relação ora de proximidade, ora de distanciamento com o texto original, o que assinala a emergência do sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: Linguagem. Psicanálise. Inconsciente. Narrativas Escolares.

Abstract: From the Lacanian presuppose that the unconscious is structured like a language, this study aims to analyze the impact of the subject of the unconscious in narrative texts written in the school. Therefore, this research is based on the interactionism of structuralist basis, reframed by the Lacanian psychoanalysis. The results revealed that the reality of situations experienced by students-authors were transformed into articulated signs the signifiers of the subject of the unconscious, allowing the replacement of the signs of the original tales. Featuring thereby relationship now proximity, sometimes distancing with the original text, which marks the emergence of the subject of the unconscious.

Keywords: Language. Psychoanalysis. Unconscious. Narratives School.

¹⁶ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Recife/PE, Brasil. E-mail: magdapcarvalho@hotmail.com

¹⁷ Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Recife/PE, Brasil. E-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

¹⁸ Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Recife/PE, Brasil. E-mail: mfvmele@uol.com.br

Introdução

Em consonância com a proposta de ensino de língua presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e do trabalho com gêneros textuais orais e escritos na escola por meio de sequências didáticas, sugerido por Scheneuwly e Dolz (2004), foi elaborado, no ano de 2010, o projeto didático *Reinventando Contos: uma ressignificação no ensino da leitura, da escrita e da produção de textos*, vivenciado em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Serra Talhada/PE, cujo objetivo foi a produção de narrativas, tendo como referência o enredo de contos clássicos infantis. Essas produções foram reunidas e publicadas, em 2010, sob o título *Reinventando Contos*.

O que chamou nossa atenção, nessa coletânea, foi o fato de os alunos-autores, ao serem solicitados a produzir textos narrativos com base nos contos clássicos infantis, relacionarem cenas e personagens dos textos originais a pessoas e acontecimentos de suas vivências. Esse fenômeno levou-nos a supor que a reescrita das cenas e dos papéis desempenhados pelos personagens, nos textos dos alunos, indicava a presença do sujeito do inconsciente, pois mesmo revisadas e aprimoradas as narrativas escritas pelos alunos traziam recortes de situações de seu cotidiano.

Nessa ordem, a noção de língua que norteia este estudo é a de língua cujo funcionamento estrutural (metafórico e metonímico) captura o sujeito que, submetido ao discurso do Outro¹⁹, é, por sua vez, submetido ao funcionamento da língua.

Nessa perspectiva, mantemos referência à proposta do interacionismo de base estruturalista, ressignificado pela psicanálise lacaniana, por considerarmos que, partindo dessa abordagem teórica, é possível investigar a incidência do sujeito do inconsciente em narrativas escolares, assim como colocar em discussão pontos de afastamento e de aproximação das produções dos alunos em relação ao conto original e compreender o funcionamento da ordem significante.

Diante disso, apresentaremos a seguir algumas considerações acerca dos principais pressupostos que alicerçam este trabalho.

¹⁹ O Outro para Lacan corresponde ao “lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” ([1964] 2008, p. 200).

Linguagem e Psicanálise: imbricação teórica entre Saussure, Jakobson, Freud e Lacan

Principiando pela linguagem, este estudo segue os referenciais da linguística estruturalista, postulados por Ferdinand de Saussure no *Cours de Linguistique Générale*²⁰ (1916), CLG.

Dentre as várias questões linguísticas discutidas no Curso, interessa-nos, para este trabalho, o conceito de língua apresentado por Saussure. Para esse pensador, a língua “constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 23). Diante dessa compreensão, a unidade linguística na teoria saussuriana é tida como “uma coisa dupla, constituída pela união de dois termos” (*ibidem*, p. 79), cujos valores são considerados a partir de um “jogo” interno de associação e oposição dentro do sistema da língua.

Dessa forma, a proposta saussuriana de unidade linguística consiste na união entre o *conceito* e a *imagem acústica*, em que esta última corresponde não ao som material, mas à impressão psíquica do som e o primeiro, à ideia que é atribuída a essa imagem acústica.

Tratando ainda do signo linguístico, Saussure faz algumas observações acerca do valor relacional dos elementos constituintes da língua. Para o autor, constitui ilusão acreditar que o valor de um termo pode ser determinado, na língua, apenas pela união de um som e um conceito.

Saussure afirma que, no interior do signo, há um aspecto paradoxal, pois o significado, quando analisado nos limites de um signo, “aparece como a contraparte da imagem auditiva” (*ibidem*, p. 133), mas quando considerado dentro do sistema, tanto o significado quanto o significante deste signo aparecerão como a contraparte de outros signos da língua, havendo assim uma relação em cadeia. Dessa forma, o autor chega à concepção de valor como “um jogo de oposições dentro do sistema” ([1916] 2006, p. 141), isso porque, para Saussure, dentro do sistema da língua, “todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (*ibidem*, p. 133).

Para reafirmar a tese de que a língua é um sistema de valores que atuam a partir das relações de diferença entre os elementos, Saussure propõe a análise do funcionamento da

²⁰ É necessário esclarecer que, embora haja, atualmente, estudos que consideram o CLG como um texto que se distancia dos conceitos originais formulados por Saussure, essa obra será nosso principal aporte por entendermos sua importância como obra fundadora da Linguística Moderna.

língua a partir de dois domínios distintos: *relações sintagmáticas* e *relações associativas*, esta última nomeada mais tarde, em função do uso, de relações paradigmáticas.

Essas relações, sintagmáticas e associativas, podem ser observadas quando as unidades constitutivas da língua estão tanto no discurso quanto fora dele. No discurso, os elementos linguísticos estabelecem relações de combinação baseadas na linearidade da cadeia significante, excluindo-se a possibilidade de dois elementos linguísticos serem pronunciados ao mesmo tempo.

Quando fora do discurso, essas relações ocorrem por meio de associações mentais entre um determinado elemento linguístico e todos os outros ausentes que poderiam substituí-lo. Devido às diferentes possibilidades de associação entre um termo e outros ausentes do contexto discursivo, Saussure afirma que as relações associativas ocorrem *in absentia*, ao contrário das relações sintagmáticas que existem *in praesentia*, devido à presença de dois ou mais termos “numa série efetiva” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 143).

A partir dessa proposição, o linguista russo Roman Jakobson, em seu estudo sobre Afasia ([1970] 2008), isola dois aspectos da linguagem afetados pelas perturbações afásicas: a seleção e a combinação.

Para esse autor, “quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza” (JAKOBSON, [1970] 2008, p. 37). Dessa maneira, o arranjo da *seleção* presume a substituição de termos entre si a partir de entidades associadas no sistema, enquanto o arranjo da *combinação* demanda certa articulação das unidades linguísticas associadas no sistema linguístico e na mensagem ou associadas somente na mensagem. Sendo assim, esses arranjos, tal como os eixos associativos e sintagmáticos da teoria saussuriana, aparecem *in absentia* e *in praesentia*, respectivamente.

Nessa direção, Jakobson considera que essas duas formas de funcionamento, afetadas nesses distúrbios de linguagem, podem ser condensadas pela metáfora e pela metonímia, em que o *processo metafórico* corresponde à relação de similaridade (substituição) e o *processo metonímico*, à relação de contiguidade (combinação). De acordo com esse linguista, “a competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo processo simbólico” ([1970] 2008, p. 61), assim como o conteúdo simbólico compreendido no processo de elaboração onírica – a condensação e o deslocamento – analisado por Freud em *A interpretação dos Sonhos*, 1900.

Esse processo simbólico, segundo Garcia-Roza (1992), consiste em um conjunto de leis estruturais do inconsciente, cujo acesso se dá por meio da aquisição da linguagem (p.

176). É a partir, sobretudo, desses linguistas, Saussure e Jakobson, que o psicanalista francês Jacques Lacan fez uma releitura da psicanálise freudiana, em especial da teoria do Inconsciente, buscando nas contribuições da linguística estruturalista fundamentar sua tese de que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, [1964] 2008, p. 27).

Diante disso, o ponto fundamental do pensamento lacaniano consiste em atribuir ao simbólico a função de constituinte do sujeito humano, uma vez que para Lacan, “os símbolos envolvem, com efeito, a vida do homem, com uma rede tão total que conjugam antes que ele venha ao mundo [...] e para além de sua morte [...]” (LACAN, [1966] 1992, p. 143). Com isso, as formulações feitas por Lacan situam-se na ordem da linguagem, especialmente no discurso enunciado pelo sujeito que, submetido à função simbólica, fala a partir de um sistema de elementos significantes.

Para uma aproximação ao princípio lacaniano faz-se necessário entender como elementos da linguística estruturalista foram relacionados à psicanálise. Contudo, é importante destacar, de acordo com Melo e Carvalho (2014), que foi o trabalho de Freud que levou Lacan a refletir sobre a linguagem e, assim, recorrer à Linguística.

Diante disso, a próxima seção será dedicada a descrever, sucintamente, a relação entre a psicanálise e a linguística.

O inconsciente estruturado como uma linguagem

Observando os princípios gerais do signo linguístico saussuriano, Lacan percebe que o estudo sobre as partes constituintes do signo vai muito além do fato de não haver uma relação de motivação entre significado e significante, pois diante da relação de indissociabilidade entre o significado e o significante, a barra que os separa denota, para esse psicanalista, duas ordens distintas “separadas inicialmente por uma barreira resistente à significação” (LACAN, [1966] 1992, p. 228).

Com base nessa compreensão, Lacan “reescreveu o signo, dando primazia ao significante, fazendo do significado um efeito do significante e do traço que os une uma barreira resistente à significação” (LEMOS, 2009, p. 4). Dessa forma, a reescrita da representação saussuriana do signo, feita por Lacan, embora mereça, segundo o próprio Lacan, “ser atribuído a Ferdinand de Saussure” ([1966] 1992, p. 227), consiste em situar o *significante* (S) na parte superior e o *significado* (s) na parte inferior.

Nessa proposta o significante é grafado com S maiúsculo e colocado acima da barra para evidenciar sua posição de primazia enquanto o significado é grafado com s minúsculo, colocado abaixo da barra. Isso porque, Lacan, no artigo *A instância da letra no Inconsciente ou a razão desde Freud* ([1966] 1992), afirma que os esquemas pensados por Saussure para demonstrar sua teoria do signo linguístico podem ser traduzidos pelo algoritmo S/s, em “que se lê: significante sobre significado, o sobre correspondendo à barra que separa as duas etapas” (p. 227).

Em vista dessa mudança, não só a unidade do signo, sustentada por Saussure, foi modificada como a produção de sentido passou a ser entendida como realizada na própria cadeia dos significantes, já que a linearidade do significante permite que os elementos sejam apresentados um após outro formando uma cadeia, cuja relação entre um significante e outro faz advir o sentido.

De acordo com Lacan (1966), a função propriamente significante que se desenha na linguagem diz respeito a duas figuras da linguística: *metáfora* e *metonímia*, relacionadas por Jakobson, no trabalho *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* ([1970] 2008), aos distúrbios de similaridade e contiguidade, estes fundamentados na relação sintagmática e associativa da teoria saussuriana.

Com isso, Lacan trata de assimilar a proposta jakobsoniana de polos metafórico e metonímico, aos trabalhos de *condensação* e *deslocamento* identificados por Freud na obra *A interpretação dos sonhos* (1900), por entender, conforme Garcia-Roza (1992), que o deslizamento do significado sob o significante também é encontrado no trabalho do sonho em seu efeito de distorção.

Diante disso, Lacan (1966) buscou demonstrar, lançando mão de formulações teóricas da linguística estrutural, que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Assim, ao associar os mecanismos de condensação e deslocamento, responsáveis pela elaboração onírica, à metáfora e à metonímia, Lacan não só apresentou os pontos basilares de sua tese da estrutura do inconsciente como também situou, metodologicamente, a teoria do inconsciente no campo da linguagem e formulou o conceito de sujeito na teoria psicanalítica.

O interacionismo em aquisição de linguagem ressignificado pela psicanálise lacaniana

Partindo da perspectiva psicanalítica da linguagem como causa do sujeito, a interrogação da brasileira Cláudia de Lemos incide “sobre o efeito da linguagem, através da fala do outro, na constituição da criança como sujeito” (1999, p. 13).

A partir disso, Lemos (2000) questiona tanto o fato de a criança, ao falar, ser falada pelo outro, quanto o afastamento da fala do outro evidenciado pelos “erros” que aparecem na fala da criança. Nesse sentido, a autora pressupõe que essa fala inicial da criança revela “uma instância subjetiva que está aquém ou além do que se pode saber sobre a língua” (1999, p. 14). Foi o reconhecimento dessa instância que levou Lemos a buscar na psicanálise e, particularmente, em Jacques Lacan, para quem a linguagem é fundante do sujeito e cujas proposições são fortemente marcadas pela releitura da obra de Saussure, uma possibilidade de fazer da fala da criança um campo legítimo de investigação.

No artigo *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio* (1992), Lemos afirma ter encontrado, na obra de Lacan, razões para trazer as proposições teóricas da linguística estruturalista para seus estudos, sobretudo no que diz respeito ao funcionamento estrutural da língua.

A releitura da obra de Saussure permitiu à autora encontrar, nas relações sintagmáticas e associativas, as explicações sobre o funcionamento da fala inicial. Conquanto, foi a reinterpretação dessas relações como processos metafóricos e metonímicos, feita por Jakobson em seus estudos sobre Afasia, que permitiu a Lemos apreender “a linguagem em seu estado nascente na fala da criança, assim como o movimento que produziria a mudança” (2002, p. 52).

No artigo *Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação* (2002), Lemos afirma que sua aproximação à obra de Lacan, de 1992 a 1997, fez com que ela percebesse que as análises da fala da criança por meio dos processos metafóricos e metonímicos “não remetiam a um movimento autônomo da língua sobre si mesma, mas sim de um sujeito, isto é, ao modo de emergência do sujeito na cadeia significante” (2002, p. 54).

Segundo Lemos (2002), a presença das formulações saussurianas, nesse novo esforço de teorização, demanda a articulação de “um sujeito [...] compatível com a concepção de língua na teorização da Linguística” (2002, p. 54); trata-se de um sujeito que existe enquanto efeito de linguagem e cuja constituição se faz necessariamente em sua relação com o outro-

falante por meio da linguagem. Nessa ordem, o sujeito é então entendido como “capturado” pela linguagem e submetido ao seu funcionamento.

Composição do *corpus* da pesquisa

Partindo da perspectiva teórica que considera a linguagem como elemento constitutivo do sujeito, cuja clivagem do sujeito em Consciente e Inconsciente se dá por meio do acesso à ordem das trocas simbólicas, do efeito significante, propõe-se, neste trabalho, analisar as marcas do sujeito do inconsciente em textos narrativos escritos no ambiente escolar.

Diante disso, assumiu-se como objeto de pesquisa uma coletânea de narrativas escritas e publicadas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Serra Talhada/PE.

Compreendendo que as narrativas, ficcionais ou realistas, sempre deslumbraram a humanidade, por tratar de temas comuns que vão desde inveja, ambição e intrigas até a superação de obstáculos e realização social ou existencial, questões que permitem “aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade” (BETTELHEIM, 1980, p. 13), tomamos como *corpus* de análise dois contos maravilhosos. Esses contos, a saber: *Ali Babá e os Cangaceiros* e *O grande coração do Pequeno Polegar*, foram produzidos por adolescentes entre 13 e 14 anos de idade, a partir da leitura, em sala de aula, dos contos originais, e passaram por revisão, correção e reescrita antes de serem publicados.

Análise e discussão do *corpus*

O primeiro texto, *Ali Babá e os Cangaceiros*, foi escrito por um aluno de 13 anos, oriundo da zona rural, mas que se mudou para a zona urbana, a fim de dar continuidade aos estudos, visto que a escola em que ele estudava, quando residia na fazenda, oferecia apenas o Ensino Fundamental I (antigo primário). Durante as aulas, ele revelou que não estava satisfeito em “morar na cidade”, pois gostava da tranquilidade da fazenda e, principalmente, das reuniões que aconteciam todas as noites na casa do avô que costumava contar histórias reais e fictícias sobre o Cangaço.

No texto original, a entrada de Ali Babá na gruta do tesouro e a subtração de algumas moedas de ouro configuram-se como os principais elementos desencadeadores da trama, cujos

motivos tratam de inveja, ambição, avareza, mortes e triunfo do bem sobre o mal. Segundo Bettelheim (1980), o mal é tão onipresente nos contos quanto a virtude. Contudo, a virtude evidenciada nessa narrativa não é a do protagonista, mas a da serva Morgiana que, inteligente e sagaz, evita o assassinato da família de Ali Babá pelos quarenta ladrões.

Já o texto *Ali Babá e os Cangaceiros*, escrito a partir da reencenação de contextos e vivências das personagens, permite observar que seu autor não faz referência ao heroísmo de um personagem feminino, mas sim, coloca o protagonista Ali Babá como um sujeito ideal, que se mantém íntegro diante da oportunidade de autorrealização econômica, pois diferente do personagem da narrativa original, o do conto reescrito não subtrai absolutamente nada do tesouro escondido e ainda denuncia os ladrões à polícia, assinalando, desse modo, o afastamento da narrativa reelaborada em relação à escrita original, o que aponta para a afirmação de Borges (2006) de que “a produção de cada criança é singular. Cada uma dispõe de significantes [...] que advêm de sua relação com o Outro” (p. 152, grifos da autora).

Considerando que o Outro, nas formulações teóricas lacanianas, corresponde ao “lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (LACAN, [1964] 2008, p. 200), a apresentação de um herói virtuoso e potente remete-nos à metáfora do Nome-do-Pai, processo inaugural, na constituição psíquica, que permite à criança advir como sujeito.

Nessa direção, a apresentação de um protagonista de conduta ilibada pode revelar a identificação do autor com a palavra de seu pai ou de seu avô sobre honra e retidão diante das circunstâncias da vida, uma vez que, para Lacan (1957-1958), o que constitui o caráter decisivo da criança “deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai” (p. 199). Nesse sentido, o protagonista da narrativa reencenada é apresentado como aquele que representa não o detentor do falo, mas o modelo ideal de caráter.

Nessa ordem, a apresentação de um herói que não faz justiça com as próprias mãos, como fez a heroína do conto original ou ainda como se costumava fazer na época do cangaço, mas um sujeito que respeita e cumpre a Lei, assinala a incidência do sujeito do inconsciente no texto reescrito. Nessa incidência, o autor identificado ao discurso do avô, revela no texto a não-coincidência entre as falas, ou melhor, entre as histórias narradas pelo outro e a sua narrativa e seu assujeitamento ao campo do Outro, ao “lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (LACAN, [1964] 2008, p. 200).

O segundo texto, O grande coração do Pequeno Polegar, foi escrito por uma aluna de 14 anos, que residia em um assentamento rural próximo a uma barragem, no município de Serra Talhada/PE. Essa aluna participava colaborativamente de todas as atividades propostas em sala de aula, na maioria das vezes liderando as atividades em grupo.

Diante da proposta de reescrita do conto maravilhoso O Pequeno Polegar, de Charles Perrault, cujo dilema socioeconômico vivido pelo protagonista o faz enfrentar um ogro antropofágico, observou-se que a narrativa produzida pela adolescente não apresenta elementos característicos aos contos maravilhosos²¹, tampouco aos contos de fadas²², dado que, além de não apresentar elementos mágicos, também não apresenta um protagonista empenhado na luta pela união homem-mulher, nem empenhado em sua autorrealização econômica.

O texto reescrito apresenta, como motivos, a benevolência e o altruísmo do protagonista, cuja preocupação é assegurar a sobrevivência das famílias atingidas pela seca, o que nos reporta ao artigo *Escritores Criativos e Devaneios*, em que, de acordo com Freud ([1907] 1969), o escritor criativo é independente para reformular o material preexistente e conhecido.

Nessa ordem, ao mesmo tempo em que a narrativa reencenada assinala a liberdade criativa da autora, revela sua identificação com o texto original e com o discurso do Outro, do “universo simbólico em que todo sujeito está inserido” (BORGES, 2006, p. 149-150), representado, neste caso, pelo ambiente em que a autora vivia. Nesse sentido, a identificação com a narrativa original é representada, sobretudo, pela manutenção do nome do protagonista. Já a identificação com o discurso do Outro, simbólico, é marcada pelo cenário em que a trama é ambientada e pela reconstituição dos lugares desempenhados pelos personagens.

Nessas condições, a eleição de um espaço rural como cenário do enredo aponta para o jogo metaforonímico da linguagem, visto que ocorre a substituição de significantes, tanto por similaridade quanto por contiguidade. Com isso, a narrativa indica “que é na substituição do significante ao significante que se produz um efeito de significação” (LACAN, [1966] 1992, p. 246), já que o cenário rural desliza de uma narrativa para outra, impondo “um novo

²¹ Os *contos maravilhosos*, consoante Coelho (1987), consistem em narrativas desenvolvidas no cotidiano mágico, sem a presença de fadas, mas com animais antropomórficos, gênios, duendes e seres metamorfoseados, cujo princípio gerador corresponde a uma problemática social, associada ao desejo de autorrealização do protagonista, herói ou anti-herói, no plano socioeconômico.

²² Os *contos de fadas*, conforme Coelho (1987), compreendem narrativas desenvolvidas no âmbito da magia feérica, em que figuram reis, rainhas, gênios, bruxas, gigantes, anões e objetos mágicos, com ou sem a presença de fadas. O princípio gerador desses contos refere-se a uma problemática existencial do herói ou da heroína, ligada à união homem-mulher.

significante em relação de contiguidade com um significante anterior que ele substitui” (DOR, 1989, p. 57).

Com a apresentação de um protagonista que usa a argumentação e liderança para solucionar o conflito apresentado no enredo e assegurar a sobrevivência das famílias atingidas pela seca, a autora indica sua identificação com a astúcia e bravura do protagonista do conto original e, ao mesmo tempo, aponta seu distanciamento, pois, ao invés de apresentar uma protagonista do sexo feminino, ela prefere atribuir o heroísmo a um personagem masculino, numa demonstração do que Belotti (1983) nomeou como descondicionamento da mulher, já que, segundo essa psicóloga, falta, nas histórias infantis, “a figura da mulher cheia de motivações humanas, altruísticas, que escolha lucidamente e com coragem o próprio comportamento” (p. 104).

Nessas circunstâncias, a constituição de uma narrativa que apresenta elementos, personagens e situações do cotidiano de uma comunidade rural, além de colocar as ações cooperativas como a solução para o enfrentamento ao período de estiagem, apresenta-se como a principal marca da incidência do sujeito do inconsciente na narrativa.

Considerações Finais

Considerando que a “estrutura de divisão subjetiva (*Spaltung*) irreversível no sujeito” (DOR, 1989, p. 100) é instituída pela Metáfora Paterna que, regida pela ordem significante, faz advir o inconsciente como um lugar autônomo que define a subjetividade, foi possível identificar, nos textos selecionados para análise, o funcionamento da ordem significante, tanto pela substituição de significantes que apresentam relação de similaridade entre si (metáfora) quanto pela substituição de significantes que mantêm relação de contiguidade (metonímia), indicando que, mesmo em narrativas revisadas e corrigidas, há algo que escapa ao tempo cronológico e irrompe na cadeia significante.

Diante disso, observou-se nesse *corpus* que a escolha do cenário, das cenas e dos papéis desempenhados pelos personagens revela a incidência do sujeito do inconsciente, uma vez que, por meio das operações metafóricas e metonímicas, os autores das narrativas substituíram significantes do seu cotidiano, que estavam latentes, por significantes manifestos em sua produção textual.

Nessa perspectiva, a linguagem aparece como o que revela e dá condições ao funcionamento do inconsciente.

Referências

- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BORGES, Sônia Xavier de Almeida. A aquisição da escrita como processo linguístico. *In*: LIER-DE-VITO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia (Orgs.). **Aquisição, patologias e clínica da linguagem**. São Paulo: EDUC, 2006, p. 149-159.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREUD, Sigmund. [1900] **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- _____. [1907] Escritores criativos e devaneios. **Edição Standard Brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969, p. 149-158.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- JAKOBSON, Roman. [1970] **Linguística e comunicação**. 21. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.
- LACAN, Jacques. [1957-1958] **O Seminário**, livro 5. **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. [1964] **O Seminário**, livro 11. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. [1966] A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: _____. **Escritos**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- LEMOES, Cláudia Thereza Guimarães de. [1992]. Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança. **Substratum/ Artes Médicas**, v. 1, n. 3, 1998, p. 151-172.
- _____. Sobre o “Interacionismo”. **Revista Letras de Hoje**, v. 34, n. 3, set., 1999, p. 11-16.
- _____. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. **Interações**. São Paulo: Universidade São Marcos, v. V, n. 10, jun./dez., 2000, p. 53-72.
- _____. Das vicissitudes da fala da criança e sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: IEL/Unicamp, n. 42, 2002, p. 41-69.
- _____. **Linguística: de Freud a Lacan**. XII SILEL (Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística). Uberlândia/MG, 2009, p. 1-10.

MELO, Maria de Fátima Vilar de; CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. Pontos polêmicos na leitura que Lacan fez de Saussure. **Revista Matraca**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 34, jan/jun., 2014, p. 168-179.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916] **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004.